

Secção 20

Aporias e fluxos do tempo e da tradução

Leitung | Coordenação: Johannes Kretschmer, Maria Aparecida Barbosa, Susana Kampff Lages

SALA | RAUM: Trabalho inteiramente online

(Horário de Brasília – UTC -3)

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

13:00 – 15:00	Eröffnungszeremonie Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
---------------	--

Mittwoch | quarta-feira – 15/09

15:00	Johannes Kretschmer, Maria Aparecida Barbosa, Susana Kampff Lages	Online	Abertura da Seção
15:15 – 15:45	Palestrante convidado Eduardo Sterzi (Universidade Estadual de Campinas)	Online	Balanço da voz e outras vozes: Augusto de Campos entre cantores e canções
15:45 – 16:15	Alice Leal (Universität Wien)	Online	Intraduzíveis, intraduzções e temporalidade em Barbara Cassin e Augusto de Campos
16:15 – 16:45	Susana Kampff Lages (Universidade Federal Fluminense)	Online	De livros, edições e traduções – de Walter Benjamin a Augusto e Haroldo de Campos
16:45 – 17:15	Maurício Mendonça Cardozo (Universidade Federal do Paraná)	Online	(Contra)tempos da recepção do pensamento tradutório de Haroldo de Campos: dos regimes de exceção à invisibilidade epistemológica
17:15 – 18:15	Debate		

Donnerstag | quinta-feira – 16/09

6:45 – 8:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft Sessão Plenária de Literatura		
8:15 – 9:00	Intervalo para café da manhã		
Bloco 1 : Paul Celan, em seu duplo jubileu - travessias poéticas com Goethe e Rilke			
9:00 – 9:30	Raquel Abi-Sâmara	online	Transcrição e intermedialidade: O diálogo entre poesia e gravura na tradução de Atemkristall de Paul Celan

9:30 – 10:00	Luiz Fernando Medeiros de Carvalho	online	A teoria da tradução de Jacques Derrida e os paradoxos da poesia de Paul Celan
10:00 – 10:30	Ana Maria Ferreira Torres	online	Rainer de Campos ou Augusto Maria Rilke: Uma leitura crítica da tradução do poema “Sankt Sebastian”
10:30 – 11:00	Matheus Guménin Barreto	online	Os ontens e os hojes na “Quinta Elegia Romana” de Goethe
11:00 – 11:30	Susana Fuentes	online	Nos tempos da diáspora, ruídos na língua, travessias
11:30 – 12:00	Debate		
12:00 – 14:00	Mittagspause Intervalo para almoço		
14:00	Sessão de leitura de escritoras (programa-quadro)		
Bloco 2: Traduzir subjetividades, temporalidades e suas margens			
15:00 – 15:30	Kelvin Falcão Klein	online	W. G. Sebald e a tradução como metáfora (gêneros, textos e imagens)
15:30 – 16:00	Maria Aparecida Barbosa	online	Rebeldia e dor nos <i>Diários de Guerra de 1943 a 1945</i>, do escritor Heinrich Böll
16:00 – 16:30	Thaís Gonçalves Dias Porto	online	A literatura sem morada fixa de Yoko Tawada: uma proposta de tradução de <i>Schwager in Bordeaux</i> à luz da exofonia
16:30 – 17:00	Clarissa Marinho da Rocha	online	<i>Sommerhaus, später</i>, de Judith Hermann em tradução para o português
17:00 – 17:30	Raquel Alves dos Santos Nascimento	online	Tradução de <i>Quarto de Despejo</i> de Carolina Maria de Jesus para o alemão, sob a perspectiva dos paratextos
17:30 – 18:30	Debate		

Freitag | sexta-feira – 17/09

8:15 – 9:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft Sessão Plenária de Linguística		
Bloco 1: Traduções, tensões, conceituações			
9:00 – 9:30	Romana Radlwimmer	online	Die übersetzte Eroberung: Konstruktionen von Zeitlichkeit in indianischen Chroniken
9:30 – 10:00	Luciana Villas Bôas	online	O lugar da tradução na história dos conceitos: o exemplo da “abertura” (<i>Öffentlichkeit</i>)
10:00 – 10:30	Renata Mancini	online	Arco tensivo: modulações sensíveis e o jogo das expectativas
10:30 – 11:15	Debate		
11:15 – 11:30	Intervalo para café		
Bloco 2: Traduzir, ruir, rir - e além			
11:30 – 12:00	Luis S. Krausz	online	O exílio da linguagem e a transcrição da poética de Paul Celan no Brasil

12:00 – 12:30	Sabrina Sedlmayer, Vincenzo Russo <i>Palestrantes convidados</i>	online	Gargalhadas enterrarão o Império? Estratégias discursivas no mundo anticolonial
12:30 – 13:00	Johannes Kretschmer, Amanda Clem	online	A tradução brasileira de <i>O riso e o choro</i>, de Helmuth Plessner
13:00 – 13:45	Debate		
13:45 – 14:30	Encerramento da Seção com acepipes espirituais		

Samstag | sábado – 18/09

09:30 – 12:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas
14:00	No Espaço Virtual: Almoço com brinde remoto diante de paisagem Em Leipzig: Jantar de encerramento

Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 20

Raquel ABI-SÂMARA (University of Macau)

Transcrição e intermedialidade: O diálogo entre poesia e gravura na tradução de *Atemkristall* de Paul Celan

A composição do livro de poemas *Atemkristall* (1965) de Paul Celan não deixa de ser uma obra conjunta, uma densa história de amor registrada em 21 poemas de Celan e oito gravuras da artista plástica Gisèle Celan-Lestrange, esposa do poeta. A correspondência entre os dois, publicada em 2001, revela um diálogo intersemiótico permanente quanto às suas criações artísticas. Em carta de 20 de maio de 1965, Celan confessa a Gisèle: «Vi suas gravuras nascerem ao lado de meus poemas, nascerem dos poemas mesmo, e você bem sabe que *Atemkristall* – que me abriu novamente os caminhos da poesia – nasceu de suas gravuras» (cópia da carta em francês em Lawitschka V., 2001: 129-130; na correspondência traduzida, cf. PC/GCL 1:226). O conhecimento das cartas trocadas entre Celan e Gisèle influenciou a minha leitura (e tradução) do ciclo *Atemkristall*, na medida em que os elementos semânticos presentes nos poemas e relacionados às técnicas empregadas na água-forte ganharam evidência e maior plasticidade na minha tradução do ciclo de poemas, que intitulei de *Hausto-Cristal*, publicado no livro de Hans-Georg Gadamer, *Quem sou eu, quem és tu? Comentário sobre o ciclo de poemas Hausto-Cristal de Paul Celan*, também traduzido por mim e publicado pela EdUERJ (2005). O objetivo desta apresentação é mostrar como esse diálogo amoroso e intersemiótico entre o poeta e a artista plástica comparece na transcrição dos poemas para o português.

Maria Aparecida BARBOSA (Universidade Federal de Santa Catarina)

Rebeldia e dor nos *Diários de Guerra de 1943 a 1945*, do escritor Heinrich Böll

Os *Diários de Guerra de 1943 a 1945* do escritor Heinrich Böll (na época entre 22-27 anos) são constituídos por anotações bem abreviadas e quase ilegíveis, muitas vezes inscritas no calor da batalha, nas trincheiras e nos hospitais. Não é o sofrimento físico natural nas condições ignominiosas do indivíduo em meio à Segunda Guerra, tampouco o questionamento radical e a crítica ao poder que lhe é imposto, o que caracteriza essas notícias da vida de soldado. Mais que tudo isso, porém, é distintiva a expressão impetuosa contra a determinação externa que aliena a sua própria. O destino de Heinrich Böll durante a Guerra não é diferente do destino de centenas de milhares de soldados contemporâneos em ambos os lados das linhas de combate, importa é que ele tenha registrado a experiência em palavras. Geralmente a experiência no campo de batalha positiva um modelo heróico de soldado ou uma resistência ativa, mas ele odiava a guerra, tinha aversão ao uniforme, aos comandos mesmo os mais estúpidos que deviam ser obedecidos, ao entediante serviço de sentinela, à gritaria com subalternos, nem por isso demonstrou naquele contexto uma resistência. A partir da tradução ao português dos *Diários de Guerra de 1943 a 1945*, do escritor Heinrich Böll, a ser publicada em 2021 pela Editora Carambaia, proponho refletir tons semânticos de rebeldia e dor preponderantes - considerando igualmente essas inclinações em seu percurso biográfico anterior à Segunda Grande Guerra e na obra intelectual da maturidade.

Matheus Guménin BARRETO (USP)

Os ontens e os hojes na “Quinta Elegia Romana” de Goethe

As primeiras versões das Elegias Romanas de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) vieram à luz entre 1788 e 1790 (cf. Wild 2004: 225), e é possível afirmar com certa segurança que elas representaram uma guinada não apenas na produção poética de Goethe, mas na história da poesia germanófono como um todo. Pretendo apresentar na seção “Aporias e fluxos do tempo e da tradução” uma tradução inédita da “Quinta Elegia Romana” em dísticos elegíacos (hexâmetros e pentâmetros) e, a partir de tal tradução, uma discussão acerca das confluências e dos choques de temporalidades no poema de Goethe, em especial no que diz respeito às oposições ali encontradas entre a noite e o dia, o tempo de amar e o tempo de trabalhar, os ontens e os hojes. Um dos grandes frutos da virada estética de Goethe em direção aos modelos da antiguidade, as “Elegias Romanas” representam, elas mesmas, uma aporia: às portas da Revolução Francesa e de todas as convulsões histórico-políticas da modernidade (cf. Hofmann

1994: 1), Goethe se volta para o “Marmor” (Goethe 2013: 15) estático e extático da antiguidade romana. Preso entre os ontens e os hojes do mármore e do corpo, o “artikuliertes Ich” (Burdorf 2015: 194) da “Quinta Elegia Romana” parece encontrar, através da figura de sua amada, uma síntese dessas duas temporalidades nos beijos, nas conversas sussurradas, na contagem leve de um hexâmetro sobre sua pele adormecida.

Referências bibliográficas:

Burdorf, Dieter. *Einführung in die Gedichtanalyse*. Stuttgart: Metzler, 2015.

Goethe, Johann Wolfgang von. “5. Elegie”. In: *Römische Elegien – Venezianische Epigramme*. Köln: Anaconda, 2013.

Hofmann, Frank. *Goethes Römische Elegien - Erotische Dichtung als gesellschaftliche Erkenntnisform*. Stuttgart: M & P Verlag für Wissenschaft und Forschung, 1994.

Wild, Reiner. “Römische Elegien”. In: Witteet al. *Goethe-Handbuch*. Stuttgart: Metzler, 2004.

Luciana Villas BÔAS (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O lugar da tradução na história dos conceitos: o exemplo da “abertura” (*Öffentlichkeit*)

É difícil imaginar a história de um conceito sem o consórcio da tradução. Há tradução na incorporação de uma ideia ou de uma palavra tomadas de uma língua e levadas para outra; há tradução no enfrentamento da tarefa paradoxal de transmitir a linguagem do passado para a linguagem do presente. Assim, a tradução é intrínseca tanto ao objeto em questão, o conceito e as suas “camadas temporais”, quanto à reconstrução analítica de traços estruturais e históricos que o constituem. Mas, a despeito da sua centralidade, é tímida a reflexão sobre o papel da tradução na história dos conceitos. Neste trabalho, gostaria de explorar a relevância da tradução, a partir do exemplo concreto da história do conceito “*Öffentlichkeit*” - conceito-chave da linguagem política moderna e contemporânea – que aqui traduzo, afastando-me deliberadamente da convenção, como “abertura.” Depois de trazer à tona o papel decisivo do termo latino *publicum* para a formação da dimensão propriamente política do conceito “*Öffentlichkeit*”, baseada sobretudo no trabalho de Lucian Hölscher, farei alguns comentários sobre a tradução e a fortuna do conceito em português, inglês, francês e espanhol.

Mauricio Mendonça CARDOZO (Universidade Federal do Paraná /CNPq)

(Contra)tempos da recepção do pensamento tradutório de Haroldo de Campos: dos regimes de exceção à invisibilidade epistemológica

O pensamento tradutório de Haroldo de Campos, como sabemos, é fortemente ancorado em seu amplo trabalho de poeta, de crítico literário e de tradutor de poesia. Disso resulta (por óbvio) que a recepção de seu pensamento teórico sobre a tradução se dê quase que invariavelmente no horizonte de seu trabalho no campo do literário, seja na chave de um enfrentamento crítico de certa relação com a história e a tradição literária, de uma forma programática de experiência cultural (antropofágica) e/ou de uma compreensão singular (transcriadora) da tradução. E como estas são facetas de um mesmo programa, o pensamento tradutório de Haroldo se funde organicamente com essas outras dimensões, o que determina não apenas a complexidade, mas, também, a potência desse pensamento. No entanto, esse mesmo traço característico, de um pensamento teórico sobre a tradução que é também um pensamento crítico sobre poesia, literatura e tradição cultural, condiciona e limita a recepção de seus ganhos epistemológicos para além do campo da tradução literária, no contexto mais amplo da pesquisa sobre tradução “em geral”. Este trabalho pretende flagrar, nos tempos e contratempos de certa recepção internacional da obra teórico-crítica de Haroldo de Campos, uma invisibilidade epistemológica de seu pensamento tradutório para além do campo específico da tradução literária.

Luiz Fernando Medeiros de CARVALHO (Universidade Federal de Juiz de Fora)

A teoria da tradução de Jacques Derrida e os paradoxos da poesia de Paul Celan

O propósito desta comunicação é – num primeiro momento - compreender em vários níveis a teoria da tradução de Jacques Derrida que emerge e se desdobra dos comentários feitos ao prefácio escrito por Walter Benjamin, intitulado La tâche du traducteur (Die Aufgabe des Übersetzers). Tais comentários constituem a versão definitiva do ensaio Des tours de Babel, publicado em Psyché, no ano de 1986. Num segundo momento, e a partir do livro Schibboleth, também publicado no mesmo ano de 1986, verificar

como o modo de traduzir a poesia de Paul Celan lida com os paradoxos relacionados à elaboração dos poemas e de sua tradução para a atualidade da língua de chegada. Como se formula o paradoxo entre legibilidade, visibilidade e ilegibilidade presente na inscrição do acontecimento-poema, enquanto entidade concebida por Celan como singularidade surgida apenas uma vez (“einmal”/“une fois”)? O tempo pensado por Derrida implica uma relação entre traduzir e sobreviver, um singular entendimento do conceito de Fortleben, enquanto continuação de vida mais que vida post-mortem. O original doa-se modificando-se. Ele vive e sobrevive em mutação. E na sua dimensão sobrevivente o original se modifica.

Susana FUENTES (UERJ)

Nos tempos da diáspora, ruídos na língua, travessias

Para esta comunicação, notas sobre meu processo de tradução/transcrição para a língua inglesa do conto de Cristiane Sobral “Cândido Abdellah Jr.” (SOBRAL, 2021). A escuta atenta de rumores na língua, rumores no tempo. Ecos de travessias e diásporas no ato tradutório, em perspectiva intercultural. A tradução como diálogo com as temporalidades diaspóricas que aparecem no ruído entre línguas, no *Jetztzeit*, o tempo benjaminiano que se faz ouvir. Em conversas de mundos identitários em constante devir. A tarefa do tradutor às voltas com tempos diversos que se chocam, e resíduos - e pregas, na imagem de Benjamin. Homi Bhabha fala do “‘presente’ benjaminiano: aquele momento que explode para fora do contínuo da história” (BHABHA, 1998). Na tradução intercultural, caminhos de uma escuta atenta para indagações, estranhamentos sobre o texto original, para que esses ruídos falem e incidam sobre o original em intensidade e desejo de escuta. Ouvir, na tradução, fendas por onde seguir, e no conto de Cristiane Sobral, foi mister perceber essas frestas, aberturas que falam de um personagem que dialoga com a dor de separações, travessias. No ato de sobrevivência, para usar as palavras de Bhabha, pensar “o tempo do corpo em performance”. O conto e trechos de minha tradução foram apresentados na Oficina do SELCS Brazilian Translation Club, uma parceria realizada entre a Universidade de Londres, a Festa Literária das Periferias e o Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina Cesar/Uerj.

Kelvin Falcão KLEIN (UNIRIO)

W. G. Sebald e a tradução como metáfora (gêneros, textos e imagens)

A palavra “tradução”, do latim *trans-ferre* – como no alemão *Über-setzen* – faz referência, etimologicamente, a um processo de “transporte”, seja de um conjunto de signos (*langue*) para outro ou de uma experiência “muda” para uma expressão semiótica: em suma, como acontece na *meta-pherein* do grego, o *trans-ferre* é em si uma metáfora. Boa parte da discussão teórica acerca da tradução circula no campo metafórico, uma vez que abordamos a tradução como termo amplo para descrever uma variedade de transferências: linguísticas, históricas, culturais e midiáticas. Tal consideração de cunho geral encontra ampla ressonância na obra do escritor W. G. Sebald, seja em seus ensaios, obras ficcionais ou trabalhos de cunho acadêmico. O intuito desta comunicação é propor uma reflexão sobre o modo como Sebald utiliza a tradução em variados níveis, operando a partir dos gêneros, dos textos e das imagens. Para tanto, darei atenção especial à fortuna crítica sebaldiana elaborada até o momento por Lynn L. Wolff, que se ocupou do problema da tradução na obra de Sebald tanto pelo viés da Linguística (no artigo “The ‘solitary mallard’: On Sebald and translation”, de 2011) quanto pela viés da Teoria da Literatura e Teoria da História (no livro *W. G. Sebald’s Hybrid Poetics: Literature as Historiography*, de 2014).

Luis S. KRAUSZ (USP)

O exílio da linguagem e a transcrição da poética de Paul Celan no Brasil

Esta apresentação propõe-se a investigar e mapear a recepção da obra de Paul Celan no Brasil a partir de dois eixos fundamentais: de um lado, examinar as principais traduções de Celan à língua portuguesa no Brasil, e suas diferentes maneiras de lidar com as questões que se impõe sobre a tarefa de traduzir Celan a partir daquilo que Modesto Carone denominou a “poética do silêncio”, dando especial ênfase às duas recentes traduções dos volumes completos *A rosa de ninguém* e *Ar-reverso*, e, de outro, focalizar a influência que a poesia de Celan exerceu e exerce sobre poetas e artistas brasileiros como Age de Carvalho, Leandro Sarmatz, Nelson Ascher, Luis Dolhnikoff, Simone Homem de Mello e Leila Danziger,

cujas obras são marcadas por claras influências de Celan e com ele possuem diferentes tipos de afinidades.

A poesia de Celan surge a partir da memória de um tempo: aquele da destruição dos judeus europeus e da obliteração de uma cultura fundada em quase dois mil anos de experiência de exílio. Meio século depois da morte de Celan, o tema do exílio e da destruição de culturas adquiriu uma relevância universal e está na ordem do dia, particularmente no Brasil, onde a destruição da memória, das tradições e da natureza é vista por uma vasta parcela da população e dos condutores de políticas de Estado como um acontecimento corriqueiro.

A obra de Celan ganha, assim, especial relevância no Brasil contemporâneo, o que explica a força com que sua estética e sua poética vêm lançando raízes no ambiente literário brasileiro, influenciando-o de maneira determinante.

A tradução brasileira de *O riso e o choro*, de Helmut Plessner

Johannes KRETSCHMER/Amanda CLEM (Universidade Federal Fluminense)

O efeito humorístico é um dos maiores desafios para o tradutor, pois envolve de modo específico o corpo de quem lê. Sem a movimentação corporal do receptor, o humor não se atualizaria. De acordo com Wolfgang Iser (1976), o riso entra em cena quando capacidades cognitivas e emotivas fracassam no controle de uma situação comunicativa. Em sua concepção do riso como "fenômeno de oscilação" entre irrupção e superação de uma crise, o teórico da literatura recorre à antropologia filosófica de Helmut Plessner. Em seu livro *O riso e o choro* (1941) Plessner analisa como tais formas de expressão genuinamente humana são reações-limite em momentos de crise pelo fato de o ser humano se relacionar com seu corpo de forma peculiar, o qual cumpre a função dupla de ressonância e distância: "Ein Mensch ist immer zugleich Leib [...] und hat diesen Leib als diesen Körper."

A presente contribuição se propõe a tratar de alguns aspectos da tradução de *O riso e o choro*, por exemplo de noções como *Körper/Leib* ou de "posicionalidade excêntrica", e a comentar versões publicadas em diferentes tempos e contextos culturais do livro de Plessner, uma das reflexões sobre o riso mais originais do século XX, ainda inédita no Brasil.

Susana Kampff LAGES (Universidade Federal Fluminense)

De livros, edições e traduções – de Walter Benjamin a Augusto e Haroldo de Campos

Com esta comunicação pretende-se verificar a fortuna de um pequeno texto de Walter Benjamin, "Revisor de livros juramentado", tanto na teoria e na prática da tradução, quanto na própria poética de Augusto e Haroldo de Campos. Como uma espécie de "pendant" ainda mais conciso que o célebre prefácio benjaminiano sobre "A tarefa do tradutor", aquela singular peça em prosa se constitui como que numa glosa de toda a revolucionária composição do livro que a contém: *Rua de mão única*. Voltada para o futuro, tempo aberto e sem marcas, está não apenas a porosidade deste livro diante de um tempo vindouro, assim como prefigurado por Benjamin, leitor de Mallarmé, mas também a realização de uma particular simultaneidade verbivocovisual pelos poetas "siamesmos" em suas intraduzções, criações e transcriações.

Alice LEAL (Universität Wien)

Intraduzíveis, intraduzções e temporalidade em Barbara Cassin e Augusto de Campos

A publicação do *Vocabulaire Européen des Philosophies : Le Dictionnaire des Intraduisibles* (2004), coordenado por Barbara Cassin, causou uma reviravolta nos estudos da tradução por retomar a bête noire da "intraduzibilidade" – afinal, atualmente, dizer que tudo é sempre traduzível tornou-se um truismo. A presente comunicação se debruça sobre a noção de "intraduzível" na obra de Cassin, aproveitando, além disso, o gancho proposto por Fernando Santoro em 2014 com o conceito de "intradução", o famoso neologismo cunhado por Augusto de Campos nos anos 70. Em que medida os "intraduzíveis" de Cassin advêm de uma ideia nostálgica de originalidade como completude e marco inicial de um determinado conceito? Os "intraduzíveis" de fato se pautam por uma noção logocêntrica e passé de tradução, como sugere, por exemplo, Lawrence Venuti em seu comentário de 2016 acerca da tradução estadunidense do Dictionnaire, publicada em 2014? Será que os "intraduzíveis" podem ser lidos à luz das "intraduzções" de Campos, como traduções temporárias, sugestões, enfim,

inevitavelmente presas entre línguas e oriundas de interversões de tradutoras? Como as “intraduções” (Campos) e os “intraduzíveis” (Cassin) se enquadram na historicidade de um dado conceito ou obra? E faz sentido falar de intraduzibilidade hoje – ou qualquer menção nesse sentido presta um desserviço aos estudos da tradução em sua busca incansável por legitimidade e reconhecimento nas humanidades? Essas são as principais perguntas que permeiam o presente trabalho.

Renata MANCINI (Universidade Federal Fluminense)

Arco tensivo: modulações sensíveis e o jogo das expectativas

Seguindo Paul Valéry, para quem o ritmo congrega o sucessivo e o simultâneo, Claude Zilberberg abre a possibilidade de trabalharmos com outras dimensões do tempo, para além da cronológica que organiza as anterioridades e posterioridades. Uma delas, a mnésia, congrega presente, passado e futuro em uma espessura que dota o ato enunciativo de uma presença e de uma memória. A organização temporal se dá a partir de um andamento geral do texto, “o senhor dos afetos”, que acaba por ser o responsável pela gestão das expectativas que a obra constrói para o leitor/espectador. Em sintonia com a proposta de Haroldo de Campos, quando indica que para chegarmos a um “stratum semiótico” desbabelizante do sensível, comum a qualquer língua ou linguagem, há que se passar pela etapa de desconstrução metalinguística, apresentamos a noção de projeto enunciativo, que nada mais é do que uma análise do texto segundo categorias semióticas para que, a partir de suas potencialidades de uso, sejam apreendidas cifras tensivas às quais se atribui um valor de acento ou inaccento. Pelo mapeamento dessas cifras, chegamos ao que denominamos arco tensivo, o desenho da interface sensível de uma obra, um perfil que se constrói a partir da alternância entre momentos de impacto (mais fortes ou mais tênues) e momentos brandos (em graus de atonia), isto é, entre saliências (acentos) e “passâncias” (inacentos), que se alternam em ascendências e descendências de maior ou menor grau. Nossa proposta é a de que o arco tensivo seja uma baliza primordial do fazer tradutório.

Raquel Alves dos Santos NASCIMENTO (USP)

Tradução de *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus para o alemão, sob a perspectiva dos paratextos

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise crítica da tradução para o alemão de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, sob a perspectiva dos elementos paratextuais que compõem o livro traduzido em 1962 por Johannes Gerold e reeditado nove vezes no período de 1962 e 1989. *Quarto de Despejo* foi publicado no Brasil em 1960 e ocupou quase instantaneamente o primeiro lugar na lista dos best-sellers no país. Foi traduzido para 15 idiomas e publicado em mais de 40 países, sendo o último deles Portugal em 2021. O livro é um diário autobiográfico de uma catadora de papel que contempla na transfiguração literária o seu cotidiano na extinta Favela do Canindé. Escrito em primeira pessoa, ele marca o cenário do gênero autobiográfico, basicamente restrito à elite, com uma voz fora do cânone narrando sobre uma condição de moradia e sobrevivência ainda nova no imaginário paulistano. A tradução segue o enquadramento dado ao livro pela recepção brasileira, mas encontra solo fértil em um momento político-ideológico das ex-Alemanhas Ocidental e Oriental na década de 1960, de interesse pela alteridade e suas condições sociais específicas. Esse interesse é reverberado nos elementos paratextuais do livro traduzido que, por sua vez, têm o objetivo de orientar a compressão e leitura dessa tradução, acabando por revelar características do *Übersetzungsauftrag*. Para a análise, utilizamos a Linguística de Corpus como ferramenta para ampliação das análises textuais e nos baseamos primordialmente nos Estudos Descritivos da Tradução e na teoria de paratextos de Genette (2009).

Thaís Gonçalves Dias PORTO (Universidade Estadual Paulista – UNESP)

A literatura sem morada fixa de Yoko Tawada: uma proposta de tradução de *Schwager in Bordeaux* à luz da exofonia

Yoko Tawada (1960-) tem o estranhamento provocado pelo trânsito linguístico como o ponto central de seu projeto literário, processo que possibilita o reconhecimento de zonas fronteiriças, a partir das quais identidades são construídas e questionadas. Tal abordagem pode ser encontrada no segundo romance da autora, *Schwager in Bordeaux* (2008), em que Yuna, uma jovem japonesa que mora em

Hamburgo, decide viajar para Bordeaux para tentar aprender francês. A narrativa é atravessada por um amálgama de lembranças onde navegam diversos personagens secundários que contribuem para a construção de um texto que trata da fluidez linguística a partir do que Ottmar Ette (2018) chama de uma “literatura sem morada fixa”, possibilitado pela escrita exofônica de Tawada. Além disso, os parágrafos do romance são sempre introduzidos por caracteres sino-japoneses que funcionam como um resumo do que será tratado a seguir. Trata-se, portanto, de uma obra constituída sob diversas camadas linguísticas que, ao serem transpostas para outro idioma, como o português brasileiro, podem multiplicar as possibilidades interpretativas do romance. Os aspectos exofônicos de *Schwager in Bordeaux* sinalizam o multilinguismo inerente à obra e acentuam-se no seu processo tradutório, revelando assim um mecanismo que questiona o mito de origem do texto, bem como os processos subjetivos relacionados à criação literária advindos de uma subversão do olhar antropológico cada vez mais relevante no combate ao discurso conservador que insiste na demarcação de diversos gêneros de fronteiras.

Romana RADLWIMMER (Eberhard Karls Universität Tübingen)

Die übersetzte Eroberung: Konstruktionen von Zeitlichkeit in indianischen Chroniken

In indianischen Chroniken des 16. Jahrhunderts verwirklicht sich Zeitlichkeit in Bezug auf Übersetzung auf unterschiedlichen Ebenen und auf verschiedene Art und Weise. Die zumindest seit Pêro Vaz de Caminhas Brief von 1500 an Manuel I nachgewiesene Praxis mündlicher Übersetzung zwischen portugiesischen Eroberern und lokaler Bevölkerung weisen Chroniken als direkte Zeitlichkeit aus, die jedoch, schriftlich festgehalten, ihre Unmittelbarkeit einbüßt. Chroniken sind, intrinsisch, translatorische Genres, die die „anderen“ Wissensbestände Amerikas durch Ähnlichkeitsanalysen in das terminologische System Europas einfügen, und dadurch die versetzte Temporalität, die Übersetzung generell voraussetzt, in transkulturelle und intersemiotische Prozessen einbindet. Übersetzte Chroniken und Briefe der Eroberung sind daher „doppelt“ translatorisch und dehnen die Zeitlichkeit des kolonialen Übersetzungsprozesses noch weiter: vom Zeitpunkt der Erstveröffentlichung einer Chronik bis zu den Momenten, an denen die Übersetzungen derselben entstehen, können Monate bis Jahrzehnte vergehen. Im frühneuzeitlichen Portugal schufen neu entstehende Verlagshäuser und der sich in technischer Komplexität reproduzierende Buchdruck die Voraussetzungen für den immer rascheren Vertrieb von Übersetzung (Cronin 2003). Diese neu entstehende Zeitlichkeit kurbelte die Popularität der Entdeckungen und die Konsumierbarkeit der übersetzten Chroniken gemeinsam mit dem Buchhandel an: zusammen sind Buchdruck und Übersetzung waren ein mächtiger Auslöser zeitlichen Wandels im frühneuzeitlichen Europa. Aufgrund der neu eingeführten Geschwindigkeit von textueller Produktion und Rezeption wurde der Buchdruck zum „verlegerischen Schlachtfeld um die Neue Welt“ (Tapia Becerra 2016), und die gedruckten Übersetzungen der Chroniken füllten die europäische Wahrnehmung eines informativen Vakuums über das unbekannte Amerika. Dennoch wurden nicht alle Chroniken von den neu etablierten Zeitabläufen erfasst: der weitaus größte, handschriftlich verfasste Teil der spanischen Informationsmaschinerie über Amerika blieb der europäischen Renaissance verborgen (Gruzinski 2008). Dieser Beitrag betrachtet Zeitlichkeit aus phänomenologischer Perspektive und rekonstruiert die unterschiedlichen Bedeutungsschichten, die sie bezüglich Übersetzung in der Eroberung und der übersetzten Eroberung erstellt.

Bibliographie:

--- Cronin, Michael (2003): *Translation and Globalization*. London/ New York: Routledge.

-- Gruzinski, Serge (2008): *Quelle heure est-il là-bas? Amérique et islam à l'orée des temps modernes*. Paris: Seuil.

-- Tapia Becerra, Manuel (2016): “An Editorial Dispute between Spain and Portugal for the New World.” *Print Culture Through the Ages. Essays on Latin American Book History*, ed. López de Mariscal, Blanca / Kabalen de Bichara, Donna M. / Vargas Montes, Paloma. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing. 80-96.

Clarissa Marinho da ROCHA (UFF)

Sommerhaus, später, de Judith Hermann em tradução para o português

Publicado em 1998, o conto que deu nome ao livro de contos de Judith Hermann, *Sommerhaus, später*, é recebido pela crítica como representante do *Lebensgefühl* de uma nova geração. Ambientado em uma vibrante Berlim, rico em referências musicais e com uma trama instigante, o conto transporta o leitor a

diversos lugares pelos quais um dos personagens centrais dirige a narradora: à Frankfurter Allee, à Prenzlau e finalmente à casa de verão. Há traduções em 22 idiomas das obras de Hermann, e ainda não foi publicada uma tradução em português deste conto da autora. Uma proposta de tradução deste texto será apresentada na seção Aporias e fluxos do tempo e da tradução e uma breve análise da enigmática história será exposta. Um dos desafios desta tarefa reside na (im)possibilidade de captar aquela “atitude diante da vida” dos jovens de Berlim no fim da década de 90 transmitida pela narrativa. A escritora, cujo sucesso houvera sido visionado por Marcel Reich-Ranicki à época da publicação, empreende uma emblemática observação ao afirmar no mesmo livro: “*Glück ist immer der Moment davor*”, provocando assim uma interessante reflexão sobre o tempo que nos escapa enquanto insistimos em alcançar um tempo insondável.

Referências bibliográficas:

HERMANN, Judith. Sommerhaus, später. *Erzählungen*, Frankfurt a. M.: Fischer, 1998.

KÜCHEMANN, Fridtjof. „Ich bin doch eine handfeste Person“. In: *Feuilleton, Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 2003.

Sabrina SEDLMAYER (Universidade Federal de Minas Gerais), Vincenzo Russo (Università degli Studi di Milano- Cátedra António Lobo Antunes)

Gargalhadas enterrarão o Império? Estratégias discursivas no mundo anticolonial

A literatura portuguesa pós-25 de Abril pode ser encarada também como uma literatura pós-imperial? Como se apresenta uma literatura que não só vem “depois” do fim do Império mas que reage criticamente ao fim desta narrativa através de inúmeras estratégias ideológicas e retóricas? A nossa ideia move da constatação de que existe na poesia e na prosa portuguesas do final do século XX e nas primeiras duas décadas do século XXI uma constelação de obras que usam do amplo espectro da veia cômica (ironia, sátira, farsa) para enfrentar os fantasmas e as fantasmagorias que ainda assombram o tempo presente português e a sua complexa relação com o passado colonial. A proposta é de analisar, na obra de determinados autores, tais como na poesia de Jorge de Sousa Braga, na prosa breve de Antonio Lobo Antunes e na produção intersemiótica de Patrícia Lino, como a paródia anticolonial é um elemento tradutório. A ironia, o escárnio, o deboche são alguns dos recursos utilizados por esses autores/tradutores que lêem a história portuguesa à contrapelo. Particularmente em *O kit de sobrevivência do descobridor português no mundo anticolonial* (2020), de autoria de Patrícia Lino, um acervo de objetos e de sentimentos são coletados: frasquinhos de mar português, caravelas, colônias, amnésias seletivas, a casinha portuguesa, a portugalidade, um race card...num rol extenso que cataloga mas também ambiciona questionar topos e imagens cristalizadas da identidade portuguesa através do uso do riso. Pretende-se, então, problematizar como se dá o deslocamento de perspectivas históricas do passado através de transcrições literárias contemporâneas dessacralizadoras e inventivas.

Eduardo STERZI (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp)

Balanço da voz e outras vozes: Augusto de Campos entre cantores e canções

“Augusto, bem mais jovem [do que Décio Pignatari e Haroldo de Campos], encantado, como seu pai, pela música, ouve boleros e sambas-canção e refunde o amor fidalgo dos medievais, percebendo a nova era das canções.» Assim aparece Augusto de Campos no retrato do poeta quando jovem que Lúcio Agra esboça em contraste com os perfis dos seus companheiros do grupo Noigandres, núcleo fundador da poesia concreta brasileira. É a música que assoma aí como seu traço distintivo dentro da unidade pretendida pelo grupo no seu momento de afirmação e, mais do que a música, no relato de Agra, especificamente a forma da canção, apreciada e pensada pelo poeta, desde a juventude, num arco histórico muito abrangente que vai da Idade Média (Augusto acabaria traduzindo todas as dezoito canções atribuídas a Arnaut Daniel) até a atualidade. Nossa proposta é examinarmos como a reflexão de Augusto de Campos sobre a música — e mais especificamente sobre a forma da canção e a presença nela da voz — foi um dos momentos decisivos para a reconfiguração “verbivocovisual” da poesia proposta pelos concretistas. E como também a relação de sua obra poética com a música nos convida a vermos de modo mais complexo — isto é, menos linear — a concepção de tempo implícita na teoria da poesia concreta.

Ana Maria Ferreira TORRES (Universidade Federal do Pará)

Rainer de Campos ou Augusto Maria Rilke: Uma leitura crítica da tradução do poema “Sankt Sebastian”

Este trabalho consiste em uma leitura crítica do conjunto das traduções que Augusto de Campos (1931-) realizou de poemas de Rainer Maria Rilke (1875-1926), nas antologias *Rilke: poesia-coisa* (1994) e *Coisas e anjos de Rilke* (2001), com segunda edição, revisada e ampliada, de 2013. Objetivou-se neste estudo compreender os procedimentos tradutórios de Campos e de que maneira sua interpretação dos textos rilkeanos se diferencia das primeiras traduções brasileiras, realizadas sobretudo na de 1940, que valorizavam com maior intensidade os temas, sobretudo de livros como *Elegias de Duíno* e o ciclo de *Sonetos a Orfeu*, ao passo que Campos dá maior relevância ao ciclo poético *Novos Poemas* e outros textos rilkeanos cuja força está no modo de expressão. Este estudo propõe que Campos ressalta aspectos que também vigem em sua própria poética, dentre eles, a construção de perspectivas imagéticas mediante a linguagem, a presença do silêncio no modo de estruturação do texto. Neste trabalho, apresenta-se como exemplo desses procedimentos a tradução do poema *Sankt Sebastian*, publicado como *São Sebastião* em *Rilke: poesia-coisa*. A leitura crítica se fundamenta no status de independência do texto traduzido, como proposto por Paul Ricoeur (2011) e Maurício Cardozo (2019), de modo que foi identificado como o tradutor interpreta o texto original e o que ele acrescenta em seu novo poema.